



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

**MEMORIAL DE PET**

**DISCENTE:** BRUNO PARISOTO LOPES

**DRE:** 113022240

**ORIENTAÇÃO:**

JACYAN CASTILHO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

2º PERÍODO/ 2017

# TRILHOS INVISIVEIS

Dramaturgia: Bruno Parisoto



# INDÍCE

1. SOBRE O PROJETO.....	4
2. A DRAMATURGIA .....	5
2.1 DOSSIÊ RIO DE JANEIRO – 2015 – 2017.....	6
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A DRAMATURGIA .....	9
3. O PROCESSO .....	10
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	13
5. REFERÊNCIAS .....	15
6. ANEXOS .....	16

## 1. SOBRE O PROJETO

O projeto de encenação baseado no meu texto *Trilhos Invisíveis se tornou uma montagem* cênica de conclusão do curso de Artes Cênicas: Habilitação em Direção Teatral, regido pela disciplina de PET (Projeto Experimental em Teatro), com orientação da professora Dra. Jacyan Castilho, compondo a programação da Mostra de Teatro da UFRJ – Segundo semestre do ano de 2017. (Ano de muitos acontecimentos, inconsistências e vetos políticos, principalmente na instância municipal de governo).

Desejar montar um texto como esse e projetar uma encenação que abarcasse as questões sociais que o texto expõe, dentro dos muros de uma academia de artes e comunicação, foram maneiras que encontrei para dar visibilidade e complexidade ao tema da corrupção, numa cidade que pouco está preparada para as demandas de saúde, educação, segurança e que tem nas suas engrenagens um panorama de corrupção tão complexo e extenso que reflete na vida de centenas de cidadãos. Nesse sentido, o recorte que eu engendrei no espetáculo, dentro desse universo de problemáticas políticas e sociais cariocas, foi a estação de trem Central do Brasil.

A escolha desse recorte não veio pelo simples apreço ao edifício, pois para mim, a Central não representa somente essa estrutura arquitetônica, que abriga 12 linhas de trens, levando diariamente milhares de pessoas, de um ponto ao outro no grande rio. Ela subverte a sua própria lógica histórica:

Um prédio construído no século passado, com 135 metros de altura, que já foi conhecido como a estrutura de concreto armado mais alta do mundo. Hoje, esse espaço revela uma arquitetura social do descaso, precariedade, falta de segurança, do caos e por onde passam milhares de pessoas diariamente. Praticamente uma grande artéria da cidade.

Um prédio que abriga a Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, mas que infelizmente não consegue conter as mazelas que ocorrem dentro da estação, quem dirá no estado. Na tentativa de retratar essa realidade, fui atrás

de histórias horríveis que aconteceram na estação e/ou nos trilhos nos últimos e a partir daí encontrei várias histórias que serviram de inspiração para a dramaturgia. Pretendo no próximo tópico, contextualizar as histórias pesquisadas e qual a foi a linha de pensamento para transformá-las em histórias ficcionais, sem perder o fato em si.

## 2. A DRAMATURGIA

Um texto é sempre uma ferramenta política.

Partindo dessa análise, vejo que o teatro, nesse momento, entra na pauta como urgência. É como o barulho das sirenes de uma ambulância levando um ferido até o hospital; é preciso levar, questionar, expor a tempo as fraturas socioeconômicas que trilham essa cidade, afinal, somos uma multidão invisível que sofre as consequências desse caos da beleza de suas praias, que são diariamente sufocadas pela podridão de seus alicerces políticos. Nós, artistas, pesquisadores, temos dentro de nós o desejo de liberdade. Nesse sentido, liberdade é necessidade. Necessidade do outro, do questionamento, da subversão, do poético.

*Trilho invisível* se apresentou como uma proposta cênica que vai além da Central do Brasil. Se tratou de expor esse corpo colonizado, maltratado, barato, manipulado, impróprio e subversivo. Esse corpo que respira a fumaça tóxica dos nossos governantes atuais que tão pouco nos representa e muito nos prejudica.

A cena apresentava a narrativa de 5 pessoas que vivem ou passam diariamente nos trilhos do trem Ramal Central-Belford Roxo. Essas pessoas são: uma mulher que perdeu o filho sexualmente violentado no banheiro da Estação Central do Brasil por não conseguiu encontrar o culpado de tal crime, ela vaga, insanamente à procura desse homem; dois vendedores negros de balas, um repórter negro e a representação de uma modelo internacional, perfomado por uma atriz estudante de intercâmbio, vinda da Suíça. Os personagens adentram o espaço cênico para trazer questões acerca do

sucateamento do transporte público, machismo e da segurança na cidade do Rio de Janeiro, articulando as histórias de perdas, violências e desesperanças a temas tão caros para sociedade carioca. Caros pois todos os dias infelizmente vemos tais temas estampados nos principais jornais que circulam pela região.

A grande crítica que tentei trazer com o texto, foi à forma como a mídia, nesse caso os telejornais, distorcem a realidade dos fatos, na tentativa de influenciar o seu “receptor” com um discurso manipulado, de um direcionamento de ideologias de poder que estão entremeadas nas opiniões públicas e na população que se apresenta na sociedade como uma massa de manobra. Assim, trazer esse ponto de vista, dentro de uma Escola de Comunicação, localizada nessa cidade, foi um dos desejos primordiais na escrita dramaturgica. Pois não podemos negar a forte influência dos noticiários em ludibriar e manipular uma população. Temos como exemplo desse triste fato, o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016.

Essas histórias surgiram, como disse anteriormente, de notícias retiradas da internet. Apresento agora as notícias originais e breves comentários dos caminhos que percorri na construção desses monólogos para a dramaturgia.

## **2.1. DOSSIÊ RIO DE JANEIRO 2015 - 2017**

### **MORTE DO VENDEDOR: JULHO DE 2015**

Toda a narrativa que constrói a morte do vendedor dentro da dramaturgia, parte de duas notícias do jornal *O Globo* (30/07/2015) e que apresentam um triste fato do atropelamento de um homem na estação de Madureira, no ano de 2015. As duas notícias apresentam pontos de vistas diferentes sobre quem era esse homem e os motivos desumanos, manipulados, que levaram a não paragem do trem em movimento ao ver o corpo estendido sob os trilhos.

A primeira notícia foi divulgada no dia 30 de julho, as 13h41 minutos no site do jornal, alegando que a Concessionária não autorizou a passagem do trem sob o passageiro e jogou a culpa no maquinista. Entretanto, no mesmo dia,

exatamente no horário das 19h45 minutos, a Supervia admite ter autorizado o procedimento.

Em ambas as reportagens, em situação inverossímil, a Supervia afirma ter acionado o corpo de bombeiros as 17h e este, alega não ter recebido nenhum chamado nesse horário; apenas por volta das 19h15 minutos recebeu uma ocorrência não relacionada a morte. A concessionária alega ter passado com o trem por cima do corpo exatamente pelo fato de que o homem já havia entrado em óbito (Como o maquinista saberia dessa informação? Se o corpo de bombeiros só foi acionado horas depois?)

O que vemos nesse caso é uma clara manipulação do fato ocorrido, carregada de inconsistência na veracidade das informações, que não se isola nos problemas de infra-estrutura da agência que regula os trens, mas na forma de propagação de um discurso manipulado e quebrado. Discurso esse, que serve como um meio de comunicação amplo na cidade. Nesse sentido, a manipulação dos fatos se apresenta na dramaturgia, com o aparecimento de um repórter que traz um discurso a favor da Concessionária, marginalizando o vendedor como um possível usuário de drogas daquela região. Porém, esse discurso é rapidamente desmascarado com a personagem de uma jornalista negra, que ao mesmo tempo, revela o esquema de corrupção e propina dos executivos da Odebrecht e da Concessionária que administra os trens, a *Agetransp*, questionando até mesmo a veracidade dos fatos apresentados pelo outro jornalista. Foi importante expor essa problemática, mesmo que de forma artística, pois estamos falando de uma cidade segregada espacialmente e que depende das redes para receber informações sobre o que ocorre no dia a dia e no entanto, recebe discursos como esse.

## **ESQUEMA DE CORRUPÇÃO**

Na tentativa de falar sobre esse tema na dramaturgia, um dos recortes que tentei fazer no texto foi apresentar a questão do esquema de corrupção na cidade, sob o ponto de vista do sucateamento dos trens e estações-A análise deste esquema de corrupção revela o extremo descaso com a população de baixa renda, que necessita desse meio para se locomover.

Infelizmente não se trata de uma situação isolada, mas que compreende todas as esferas governamentais do nosso país. Nesse sentido, achei importante relacionar esses dois universos com a Supervia e sucateamento dos trens. A notícia que inspirou essa discussão está no anexo II deste memorial.

### **VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL: ESTUPRO DO MENINO DE 9 ANOS NA CENTRAL DO BRASIL:**

Não há relatos que se refiram a algum estupro infantil que tenha ocorrido dentro da estação de trem. Porém, quando fui escrever esse texto, tinha como pretensão fazer um paralelo da estação com o país. Ou seja, comparar essa estrutura arquitetônica, que serve de centro, entrada e saída de vários trens para vários destinos, exportando centenas de pessoas todos os dias. O Brasil é essa estação, que tem tudo para ser uma potência, devido a suas produções agrícolas e grandes reservas de petróleo e água, mas que devido a muitos fatores políticos e econômicos, atualmente exporta grande parte do que produz e seu lucro não é totalmente voltado para o desenvolvimento dessa “estação”.

Baseado nessa análise, ao criar uma ficção onde uma criança, um símbolo de pureza sofre um estupro e morre dentro da estação, o que eu queria fazer de paralelo era de que o Brasil não está preparado para lidar com a violência sexual infantil. Não da forma como vem ocorrendo em diversos lugares do país. Pensando também de que a Central, abriga a Secretaria de Segurança do Estado, e colocar que um crime desses ocorre bem aos olhos, no mesmo ambiente que esse órgão responsável pela nossa segurança, reforça que o mesmo não consegue dar conta disso. Segue no anexo III deste memorial, uma notícia informando estatisticamente a violência sexual infantil na cidade e no estado.<sup>i</sup>

---

<sup>iiiiiiiiiiiiiiiiiiii</sup><http://esquerdadiario.com.br/A-precariedade-da-Supervia-e-o-lucro-dos-capitalistas-da-Odebrecht>



---

## 2.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A DRAMATURGIA

Após a apresentação desse dossiê, que brevemente apresenta a linha de raciocínio que tive ao longo do processo de escrita do texto, trago as considerações finais sobre a dramaturgia do espetáculo, baseando também no retorno das apresentações e da banca avaliadora.

Primeiramente, após as apresentações e o feedback, fica claro de que se trata do exercício de uma escrita dramática, que, como toda experimentação, está passível de erros (e essa experiência apresentou alguns sérios para o entendimento e desenvolvimento da ação). Tais erros me impossibilitaram de desenvolver melhor a narrativa e garantir uma encenação que fosse fiel ao seu projeto inicial, de dar conta de um treinamento de corpo e voz no processo. Vejo muitas lacunas referentes ao texto, principalmente se tratando do desenvolvimento dos personagens ao longo da peça.

A ideia inicial com os monólogos dos personagens, onde contariam um pouco a sua história para o público, assim descrito no projeto inicial, de certa forma cumpriu seu papel. Pois todo o espetáculo é feito de breves monólogos, que podem trazer uma densidade para alguns personagens e deixando outros sem muito aprofundamento, já que necessitavam de mais histórias para dar conta de suas complexidades. Sinto que acabei ficando no meio do caminho nesse tópico.

Essa fragilização de uma dramaturgia potente que poderia dar conta de outros assuntos e situações que acontecem todos os dias nas estações de trem aqui na cidade, foi um dos maiores pontos de crítica do espetáculo. Alguns personagens, como por exemplo a Vendedora de balas, Exú e o Policial pouco se desenvolveram ao longo desse texto. Ficaram apenas na apresentação de si mesmos e não estabeleceram uma situação de ações e reações que desembocasse numa análise mais ampla sobre suas vidas. Esta seria uma

---

análise necessária para poder compreender as críticas que são apresentadas no espetáculo como um todo.

Outro ponto importante dessa encenação se refere ao fato de que com cinco atores que mudam de personagens o tempo todo, fiquei preso e não avancei com o desejo de trazer uma maior movimentação de pessoas em cena, representando o universo caótico e carregado de pessoas que é a estação Central do Brasil nos horários de maior fluxo. De conseguir construir mais cenas com mais pessoas dialogando. Pois as trocas dos personagens, da forma como foi construída durante o processo, não permitia tal exploração. O resultado foi uma linha dramática falha na sua narrativa.

Entretanto, apesar de tais problemas encontrados tanto durante o processo de escrita, devido à inexperiência sobre o ofício do dramaturgo e as ferramentas necessárias, como no processo de levantamento de cenas, o que fica é um texto potente, que da sua maneira tenta tocar o seu público e colocá-lo num espaço de questionamento. Assim, por mais que os erros se apresentem dessa forma, prejudicando a qualidade do espetáculo, acredito que tais podem ser resolvidos na sala de ensaio. Caso meu desejo seja o de retomar esse espetáculo, na tentativa de realizar apresentações futuras, consigo ver um caminho para investigar, retrabalhar a dramaturgia e dar conta das demandas que o texto me apresenta.

### **3. O PROCESSO**

Vejo que estruturamos um processo bem tranquilo, sem perdas de atores e discussões ao longo dos ensaios. Desde o começo, tentei ao máximo esquematizar e organizar meus ensaios, dando ênfase para cada dia com um trabalho específico. Tive poucos momentos em que não consegui seguir o cronograma dos ensaios, salvo exceções em que os atores tiveram complicações de saúde e compromissos externos que dificultaram suas presenças. Assim o mérito dessa organização também se dá juntamente com a

---

equipe, que cooperou e trouxe uma postura participativa durante os dias. De certa forma, toda essa organização foi muito importante para que eu pudesse compreender melhor um lado metódico e organizado que tenho em potência, durante um processo de criação.

Apesar desse regime diário, percebi que acabei não dando abertura para a experimentação de outros dispositivos e provocações trazidas e criadas pelos atores que surgiam nos atos de criação, pois me preocupava com a sequência do cronograma.

Agora, analisando todo o processo, ficou nítido que a minha prioridade inicial era seguir com um cronograma à risca para levantar um espetáculo em três meses, a partir de uma carga de 3 ensaios semanais onde não tinha todos os atores presentes em todos os encontros.

Essa prioridade se deu pelo medo de não conseguir dar conta de levantar um espetáculo em pouco tempo com as condições de espaço e disponibilidade dos atores, uma vez que nas experiências das outras direções dentro desse curso, tive problemas com tempo que acarretou em não conseguir marcar todo o espetáculo até a data de estréia, gerando uma insatisfação e desespero. Entretanto, preso nesse desespero de tentar dar conta do tempo e levantar todo o espetáculo, só fui perceber que esse foco prejudicou o meu trabalho com os atores, após as apresentações e feedback do público.

Felizmente, não tive ao longo da montagem, problemas sérios com os atores, dificuldades na produção. Ressalto outro ponto positivo, o fato de ter tido amigos competentes que faziam seus trabalhos sem depender muito de mim. Todos pareciam estar extremamente ligados com as ideias, concepção das cenas e cronograma. Esse foi um dos pontos que mais me deixaram contente durante tudo, pois minhas preocupações ficaram restritas ao texto, organizar ensaios com os atores e cumprir o cronograma, já que a direção de arte e a produção conversavam muito bem sem necessitar de uma mediação minha. Eu estava a par de tudo, afinal era o diretor do processo e queria estar por dentro, mas não tive que ficar sob a tensão de ficar cobrando resultados durante o processo.

---

Apesar de não ter tido problemas sérios com os atores, não posso negar que tive pequenos desconfortos devido às ausências de última hora, textos não decorados como combinado, cenas não estudadas, ou seja, pequenas situações que sempre acontecem durante os processos. Dessa forma, é necessário fazer uma menção de agradecimento e ressalva da dedicação e responsabilidade dos atores que delicadamente estavam abertos as minhas sugestões, críticas, conselhos e experimentações.

Contudo, por mais gratificante que tenha sido esse processo, dentro das metas de cronograma, união e autonomia entre a equipe artística com a equipe de produção e dedicação e respeito pelos atores, todo o processo foi algo que não me trouxe o entusiasmo que eu esperava. Queria poder ter tido mais desejo em trabalhar com improvisações das cenas com os atores, afim de procurar entender melhor a dramaturgia e quem sabe encontrar outros recursos que dessem conta dos problemas enfrentados na encenação. Porém, devido a uma insatisfação e descoberta que enfrentei desde a metade do Curso de Graduação, derivados da sensação de que ser diretor de teatro não seria um objetivo profissional nesse momento, essa crise acabou desembocando nesse processo. E talvez isso tenha ficado explicito na falta de “entusiasmo” em tornar a sala de ensaio um espaço de realização profissional.

Pensando nisso, esse exercício talvez tenha sido necessário nesse momento para que eu pudesse compreender melhor minhas atuais necessidades de expressão artística, podendo adquirir o pensamento de que o processo de PET não foi apenas um espaço acadêmico de cumprimento de uma disciplina a partir de uma produção artística, mas também como um espaço de conhecimento enquanto artista, e vejo como um dos pontos mais importantes e gratificantes que encontrei ao realizá-la.

Assim, finalizo minhas observações referentes ao processo, com um trecho de um poema do Manoel de Barros que sintetiza brevemente e poeticamente esse momento de compreensão que tive a oportunidade de refletir com o processo:

---

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso. (Barros, 2008)

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na dança, a mais efêmera e universal das artes, a imagem não permanece nem se fixa, mas se desenvolve como um rizoma que avança sem fronteiras – espécie de vegetal caracterizado pela ausência de uma raiz primária e definitiva como a das grandes árvores, espalha-se pela superfície ao modo dos capins e da grama. Assim, enquanto expande e se retrai, no fluxo entre proximidade e distanciamento, liberdade e confinamento, ultrapassando os limites dos territórios individual e coletivo, o corpo cênico reorganiza o espaço como um prisma cristalino a partir de seus eixos, em torno de um pivô que muda de posição conforme a ação. Nesse espaço unificado, promove uma relação interpessoal e coparticipativa em prol da produção de um sentido, interagindo com a presença viva do espectador, que afeta e é afetado pelos efeitos do cruzamento entre palco e plateia. (MARTINS, 2004, p. 33)

A experiência de PET é como um rizoma que cresce dentro da gente, se distribui entre quem construiu junto essa experiência e quem esteve presente no ato de execução. Essa expansão ultrapassa a fronteira da cena e nos faz refletir sobre as nossas vidas, as vidas dos outros, onde estamos, para que estamos e para onde vamos com todo esse movimento de produção artística.

Passar por essa experiência é tão necessário quanto sair de casa para ver um espetáculo. Sem a referência, não somos tocados, não participamos vivamente do ato de produção artística e não nos conhecemos.

Penso que a arte tem uma função próxima da religião: Aqui no encontramos, estabelecemos contratos de comunhão, acreditamos no inexistente e fazemos

---

dos nossos sonhos, verdadeiros detetives de nossas ações e pensamentos. Nesse momento, estamos brincando de ser *Sherlock Holmes*, *Van Gogh*, *Manoel de Barros*, *Jorge Andrade*, *Nelson*, *Yoshi*, *Grotowski*, *Laban*, *Stanislavski*, *Galeano*, *Deleuze*, *Eleonoras*, *Jacyans*, *Zé Henriques*, *Lígias*, *Gabrielas*, *Celinas*, *Marcelus*, *Lívias*, *Lauros*, *Carmens...* e após tantas brincadeiras, tomar nosso banho, deitar sobre o travesseiro fresco e esperar para iniciar novos jogos amanhã. É um ciclo. Um ciclo de representatividade, de testamentos, execuções, valorizações, respeito, desrespeito, citações, erros, conquistas, proliferação de medos, encontro de novos objetivos de vida, procrastinações de afazeres e o encontro.

Assim como as ondas do mar batem na areia, o experimento bateu em meu coração e me colocou em estado de reflexão sobre quem sou. Que tipo de profissional quero construir e ser e que tipo de pessoa devo aceitar dentro de mim.

Marina Martins (2004), citada anteriormente, diz que na dança, a imagem não permanece nem fixa, se desenvolve feito rizoma. Partindo desse dito, vejo que PET foi e é uma dança conjunta que explora vales, percorre caminhos e traça objetivos dentro de nossos corações. O mundo dança o tempo todo em volta do sol e dos planetas vizinhos, e enquanto isso, nós dançamos juntos para sermos artistas cada vez melhores, humanos, fiéis aos nossos objetivos e verdadeiros com nossas crises. Que a arte da dança sempre esteja nos movendo. Que o fim seja sempre o começo de novas conquistas.

Finalizo todo esse processo com um muito obrigado.

---

## 5. REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas**. São Paulo: Planeta, 2008. p. 77.
- MARTINS, Marina. **O acesso do visível**. Revista Gesto, Rioarte, 2003, vol. 3, p.34-37. Dez. 2002.

---

## **6. ANEXOS**



---

## ANEXO I

### MORTE DO VENDEDOR: JULHO DE 2015

Seguem as três notícias, contendo 2 referentes a morte do vendedor e uma da delação premiada:

*(Edição do dia 30/07/2015, publicada as 13h45 no site do G1, por Fernanda Graef).<sup>i 1</sup>*

#### **TREM PASSA POR CIMA DE CORPO EM ESTAÇÃO DE MADUREIRA (RJ)**

*Um homem foi atropelado e morreu nos trilhos da estação. Enquanto o corpo estava no trilho, outro trem passou por cima dele.*

*Um homem foi atropelado por um trem no Rio de Janeiro e, de acordo com a Supervia, a concessionária que administra o sistema, enquanto o corpo estava nos trilhos um segundo trem passou por cima dele.*

*Imagens mostram a estação de Madureira, no subúrbio do Rio de Janeiro, pouco depois do acidente. Algumas pessoas estão perto dos trilhos, inclusive funcionários da Supervia. Um trem se aproxima, devagar. Um dos agentes da Supervia acena. Ele parece falar com o maquinista. A composição para e, em seguida, avança.*

*Em outro vídeo divulgado pelo jornal O Dia é possível ver que o trem passou por cima do corpo, que estava entre os trilhos. A Supervia não confirmou se, até este momento, algum profissional de saúde já tinha atestado a morte do homem.*

*No dia do acidente, a concessionária disse em nota que, por volta das 17h, agentes acionaram imediatamente os Bombeiros para atender um homem que acessou a via férrea irregularmente e foi atingido por um trem. Porém, os Bombeiros negam que tenham sido avisados. Eles dizem que foram chamados por volta das 19h15 para uma ocorrência de trauma não relacionada com a morte por atropelamento e que só durante o atendimento, a equipe foi informada por funcionários da Supervia de que havia um corpo na linha férrea.*

*A Polícia Civil, que está investigando o caso, identificou o homem que morreu como Adílio Cabral dos Santos. A Agetransp, agência reguladora que fiscaliza os transportes no Rio de Janeiro, também abriu uma investigação para apurar as responsabilidades.*

*O secretário estadual de Transportes do Rio de Janeiro, Carlos Roberto Osório, disse que os responsáveis vão ser punidos: "O centro de controle tem a visão de tudo que acontece no sistema, de que trem em cada trilho, e é ele que dá o comando ao maquinista. Se aquele trem estava irregularmente naquele trilho, alguma falha aconteceu e nós precisamos entender quem deu a autorização para que o trem prosseguisse, mesmo com o corpo na pista".*

---

*Em nota, a Supervia disse que o procedimento adotado está fora dos padrões exigidos pela concessionária e que está apurando o que levou o maquinista a seguir com o trem.*

*(Edição do dia 30/07/2015, publicada as 19h45 no site do G1, por G1 Rio, Repórter não informado na notícia).<sup>i</sup>*

### ***SUPERVIA ADMITE QUE AUTORIZOU TREM A PASSAR SOBRE CORPO DE HOMEM NO RIO***

*Concessionária alegou havia risco de problema maior se o trem parasse. Governo afirmou que irá cobrar punição rigorosa aos responsáveis.*

*A Supervia admitiu nesta quinta-feira (30) ter autorizado a passagem de um trem sobre o corpo de um homem que tinha sido atropelado na Estação de Madureira, Zona Norte do Rio. O governo afirmou que os responsáveis serão punidos.*

*O acidente ocorreu na terça-feira (28). Conforme mostrou o RJTV, há imagens que mostram o corpo sobre os trilhos e o trem se aproximando. Um homem de roupa laranja, que parece ser funcionário da Supervia, acena para o maquinista. O trem, então, avança devagar. Outro vídeo, gravado por um telespectador, registra o momento exato em que a composição passa sobre o corpo do homem.*

*Pelas imagens não é possível saber se antes de ser atropelado o homem já estava morto. Ele foi identificado como Adílio Cabral dos Santos e seria um vendedor ambulante. Seu corpo foi encaminhado ao Instituto Médico Legal.*

*A concessionária informou, em nota, que por causa do horário de pico, autorizou a passagem do trem, mesmo com uma pessoa nos trilhos. No comunicado, a Supervia afirma que o trem tinha altura mais do que suficiente para não atingir a vítima e que, apenas a partir dessa constatação, confirmada pelos agentes, e diante do risco de um problema maior com a retenção de diversos trens, o centro de controle tomou a decisão de autorizar a passagem do trem.*

*A nota diz ainda que o episódio é consequência de um problema de infraestrutura causado pela falta de isolamento da malha ferroviária.*

*Nenhum porta-voz da Supervia quis dar entrevista ao RJTV sobre o caso.*

*No dia do acidente, a concessionária também informou, por nota, que por volta das 17h da, agentes acionaram imediatamente os Bombeiros para atender um homem que foi atingido por um trem.*

*Mas, o Corpo de Bombeiros tem outra versão. A corporação afirmou que foi chamada apenas por volta das 19h15, ou seja, duas horas depois, mas para uma outra ocorrência, não relacionada com a morte por atropelamento. Segundo os bombeiros, tratava de uma ocorrência de trauma. Já durante o atendimento, a equipe foi informada pelos funcionários da Supervia de que havia um corpo na linha férrea, próximo ao local de atendimento à*

---

vítima de trauma. Um policial militar já estava no local aguardando perícia. A equipe dos Bombeiros, após constatar o óbito, deu seguimento ao atendimento de trauma para o qual foi acionada.

O secretário estadual de Transportes, Carlos Roberto Osório, afirmou disse que os responsáveis vão ser punidos. “O centro de controle tem a visão de tudo que acontece no sistema, de que tem em cada trilho, e é ele que dá o comando ao maquinista. Se aquele trem estava irregularmente naquele trilho, alguma falha aconteceu. Nós precisamos entender quem deu a autorização pra que o trem prosseguisse, mesmo com o corpo na pista. Isso tudo será apurado pela agência independente, que já abriu uma investigação, e a nossa determinação é a punição rigorosa àqueles que causaram esse incidente, que é inaceitável, uma desumanidade, isso não pode ser tolerado”, afirmou Osório. A Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil afirmou que o incidente é uma “barbaridade”, por tratar o corpo como algo descartável. A Agetransp - agência reguladora do serviço de transporte - e a Polícia Civil declararam que estão apurando o caso.

## **ANEXO II**

### **ESQUEMA DE CORRUPÇÃO**

*(Edição do dia 14/12/2016, publicada no site do Esquerdadiário, por Fernando Pardel)*

#### **A PRECARIÉDADE DA SUPERVIA É O LUCRO DOS CAPITALISTAS DA ODEBRECHT**

*Foi a delação de Paulo Caserna, executivo da Odebrecht que até recentemente era o presidente da Odebrecht Transpor, que expôs o esquema de propinas na SuperVia, a concessionária que atua nos trens, e que é operada pela construtora.*

*Dois diretores da Agência Reguladora de Transportes do Rio (Agetransp) receberam R\$ 600 mil reais em nome do PMDB-RJ, de acordo com a delação de Caserna.*

*O primeiro foi Artur Vieira Bastos. Antes de se tornar diretor da Agetransp, ocupou os cargos de tesoureiro do PMDB e chefe de gabinete do do chefe da Casa Civil de Sérgio Cabral, Régis Fitchner.*

*Já o outro diretor da Agetransp a ter negociado propina - Cesar Mastrangelo, que hoje é presidente da Agência - ocupou o cargo de diretor de relações institucionais do Metrô Rio.*

*Segundo o delator, as propinas foram negociadas em uma reunião com a presença de Carlos José Cunha, presidente da SuperVia, que teria dito a Caserna que o*

---

pagamento da quantia levaria a uma proximidade maior com os diretores da Agência e, assim, com o governo do PMDB.

Em nota oficial, os diretores da Agetransp negaram as acusações, argumentando em sua defesa com as multas que aplicaram à SuperVia. Veja trecho da nota:

Os conselheiros ressaltam que, desde que o atual conselho diretor tomou posse na agência reguladora, em 2014, houve total rigor na fiscalização dos sistemas de transportes e rodovias regulados. Em dois anos e dez meses, o atual conselho diretor foi responsável por 73 das 97 multas aplicadas à concessionária SuperVia desde o início da concessão, em 1998, o que representa 75% do total de penalidades já aplicadas à concessionária. Apenas entre 2014 e 2015, o atual conselho diretor havia aplicado 52 multas (R\$ 5,3 milhões) de um total de 76 penalidades de multa aplicadas, até então, à concessionária SuperVia. Em 2016, de janeiro a outubro, foram aplicadas 21 multas à SuperVia, em um total de R\$ 1,3 milhão")

Contudo, o faturamento da SuperVia apenas em 2014 foi de cerca de R\$ 480 milhões, e a Agência chegou a demorar cinco anos para julgar uma falha ocorrida em 2011, aplicando uma penalidade equivalente a 0,01% do faturamento da concessionária. E em 2015, a SuperVia ainda devia R\$ 2,9 milhões em multas.

Os trabalhadores amargam a cada dia no péssimo transporte oferecido pela SuperVia, enquanto os diretores da Agetransp, os executivos da Odebrecht e da SuperVia, e os políticos dos partidos patronais que negociam as propinas andam em carros luxuosos com motoristas, helicópteros, jatinhos particulares e iates. Os milhões que poderiam garantir um transporte sem falhas, sem aperto, barato, seguro e rápido para todos estão sendo embolsados por eles.

As propinas reveladas na delação de Caserna estão longe de ser algo "fora do normal", mas são apenas o óleo que azeita a engrenagem do Estado, a serviço de garantir os interesses dos capitalistas. Como os imensos salários dos políticos e seus privilégios, assim como dos diretores dessas agências, não são suficientes para os serviços sujos que fazem para essas empresas, as propinas entram como um "bônus" para que eles fechem os olhos para tudo aquilo que, no dia-a-dia dos trabalhadores, dos negros, dos pobres, significa mais aperto, mais precariedade, atrasos, alagamentos nos trilhos e tarifas cada vez mais caras.

Os juízes da Lava Jato, por sua vez, também são funcionários privilegiados com salários que chegam a R\$ 80 mil, e que faturam com cada delação premiada. Não estão em nenhum momento preocupados com a defesa dos trabalhadores, do povo pobre e negro e seus interesses.

Por isso que dizemos que é necessário nos mobilizarmos por uma Assembleia Constituinte Livre e Soberana, em que sejamos nós que discutamos as regras do jogo e decidamos sobre os problemas que nos afligem, e como serão punidos esses corruptos e seus bens confiscados para que sejam investidos em nosso benefício.

---

## ANEXO III

*(Edição do dia 18/05/2017, publicada no site do Globo, por Barbara Lopes)*

### **RIO É UM DOS 5 ESTADOS COM MAIS CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS**

*Cinco organizações sociais (Childhood Brasil, Fundação Abrinq, Liberta, PlanInternational Brasil e Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) se uniram para conscientizar a população sobre o 18 de Maio, o Dia Nacional do Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. O Rio de Janeiro está entre os cinco estados que mais registraram denúncias em 2016. Foram 1.159, o que corresponde a 7,38% do total.*

*No Brasil, só em 2016, a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, por meio do Disque-100, recebeu mais de 16 mil casos de denúncias de violência sexual na faixa etária de 0 a 18 anos, o que corresponde a 10% das ligações feitas à central telefônica.*

*No mesmo ano, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul foram os cinco que lideram o ranking das denúncias feitas por meio desse serviço. Os crimes de abuso sexual (72%) e exploração sexual (20%) foram os casos mais citados nesse levantamento.*

*As demais ligações estavam relacionadas a outras violações, como pornografia infantil, sexting (divulgação de conteúdo por meio de celulares), grooming (tentativa do adulto para conquistar a confiança da vítima), exploração sexual no turismo e estupro.*

*A maior parte das vítimas são meninas (67,69%), seguido por meninos (16,52%) e não informados (15,79%). Cerca de 40% dos casos eram referentes a crianças de 0 a 11 anos. As faixas etárias de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos correspondem, respectivamente, 30,3% e 20,09% das denúncias.*

*— Enfrentar a questão da violência sexual contra crianças e adolescentes é encerrar de frente o desafio de uma mudança profunda em nossa cultura — afirma Claudia Vidigal, secretária Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. — É um crime hediondo que muitas vezes é banalizado e quase naturalizado em nossa sociedade. Por isso, realizaremos seminários técnicos, campanhas e diversas ações nos quatro cantos do país para que todos possamos compor a rede de proteção da criança e do adolescente e participar do sistema de garantia de direitos”.*

*Entre as ações do órgão, em parceria com o “Comitê Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes”, haverá seminário sobre o tema, nesta quinta-feira, a partir das 10h na Câmara dos Deputados, em Brasília. Neste sábado, será realizada o "Show Pela Vida, Contra a Violência: 17 anos de Mobilização", também em Brasília, no Parque da Cidade, a partir das 8h.*

*Oficinas e apresentações culturais também fazem parte da agenda desta sexta-feira nesse local, num evento que vai se encerrar com uma revoada de balões pelos céus de Brasília, às 11h45.*

---

## **ANEXO IV**

### **FICHA TÉCNICA DO ESPETÁCULO E SINOPSE**

#### **FICHA TÉCNICA**

**Nome da peça:** Trilhos Invisíveis

**Direção e dramaturgia:** Bruno Parisoto

**Orientação:** Jacyan Castilho

**Assistência de direção:** Sílvia Galter.

**Elenco:** Anderson Barreto, Christina Galli, Elton Sacramento, Mayara Tenório e Thaísa Violante.

**Iluminação:** Clarita Castanhon e Kepler Jofre.

**Direção de arte:** Anne Carestiatto

**Assistente artística:** Giovanna Santoro

**Produção:** Homero Ferreira

**Preparação corporal:** Luana Garcia

**Orientação de preparação corporal:** Lígia Tourinho e Maria Inês Galvão

**Classificação etária:** 14 anos

#### **SINOPSE**

Central no Brasil, um espaço de transição de milhares de pessoas diariamente: uma moradora de rua que perde seu filho estuprado nos trilhos da estação, dois vendedores de balas do ramal Belford Roxo – Central, uma menina e dois jornalistas costuram narrativas que apresentam o submundo desse sistema ferroviário e precário.

---

## ANEXO V

### FOTOS DO ESPETÁCULO

(FOTOGRAFIA: Clara Castañon)



(Ator: Elton Sacramento. Personagem – Exú).



(Atriz: Thaísa Violante. Personagem: mãe)



*(Atriz lado direito: Mayara Tenório. Ator lado esquerdo, costas: Elton Sacramento. Personagens : Cacaumelô e Vendedor de balas)*



*(Atriz: Mayara Tenório. Personagem: Cacaumelô)*





*(Atriz: Thaísa Violante. Personagem: Mãe)*



*(Atriz: Thaísa Violante. Personagem: Mãe)*



(Ator: Anderson Barreto. Personagem: Político)



(Equipe toda do espetáculo: Da esquerda para direita: Kepler Jofre, Silvia Galter, Elton Sacramento, Jacyan Castilho, Mayara Tenório, Cristina Galli, Thaísa Violante, Luana Garcia, Giovanna Santoro e Anne Carestiato. Em baixo: Clarita Castanhola e Bruno Parisoto)